

O TERRITÓRIO COMO PRISMA PARA A SUSTENTABILIDADE – APLICAÇÕES NO CONTEXTO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL DA COMUNIDADE TRADICIONAL DA LAGOINHA EM BELO HORIZONTE

THE TERRITORY AS A PRISM FOR SUSTAINABILITY – APPLICATION IN THE
CONTEXT OF THE INTANGIBLE HERITAGE OF THE TRADITIONAL COMMUNITY OF
LAGOINHA IN BELO HORIZONTE

EL TERRITORIO COMO PRISMA PARA APLICACIONES DE SUSTENTABILIDAD
EM EL CONTEXTO DEL PATRIMONIO INMATERIAL DE LA COMUNIDAD
TRADICIONAL DE LAGOINHA EM BELO HORIZONTE

Heloisa Helena Rosa Vitalino¹; Rosângela Míriam Lemos de Oliveira Mendonça²

1. Discente em Artes Visuais Licenciatura pela Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG. E –mail: heloisavitalino@gmail.com
2. Phd e Docente na Escola de Design pela Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG. E –mail: rosangela.mendonca@uemg.br

RESUMO

O objetivo deste trabalho é elucidar questões importantes relativas à sustentabilidade, território, arte, a valorização do patrimônio material e imaterial e possíveis reverberações em instituições de ensino e sociedade em geral. A metodologia utilizada neste trabalho foram pesquisas bibliográficas, arquivísticas, e estudos de caso. Espera-se com este trabalho incitar o pensamento crítico, a mudança de paradigmas e melhor compreensão da cadeia produtiva e os diferentes estágios dos bens de consumo. O Design Sistêmico é uma proposta interessante para conectar os diversos elos de tal cadeia e auxiliar na promoção da sociedade mais digna, justa e igualitária, promovendo a valorização do coletivo e sua retroalimentação constante.

Palavras-chave

Patrimônio; Memória; Sustentabilidade.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es dilucidar temas importantes relacionados con la sustentabilidad, el territorio, el arte, la valorización del patrimonio material e inmaterial y sus posibles repercusiones en las instituciones educativas y la sociedad en general. La metodología utilizada en este trabajo fue la investigación bibliográfica y de archivo y el estudio de casos. Se espera que este trabajo fomente el pensamiento crítico, los cambios de paradigma y una mejor comprensión de la cadena productiva y las diferentes etapas de los bienes de consumo. El Diseño Sistémico es una propuesta interesante para conectar los diversos eslabones de dicha cadena y ayudar a promover una sociedad más digna, justa e igualitaria, fomentando la valorización del colectivo y su constante retroalimentación.

Palabras clave

Patrimonio; Memoria; Sostenibilidad.

ABSTRACT

The objective of this work is to elucidate important issues related to sustainability, territory, art, the appreciation of tangible and intangible heritage and possible reverberations in educational institutions and society in general. The methodology used in this work was bibliographical and archival research and case studies. It is hoped that this work will encourage critical thinking, paradigm shifts and a better understanding of the production chain and the different stages of consumer goods. Systemic Design is an interesting proposal to connect the various links in such a chain and help promote a more dignified, fair and egalitarian society, promoting the appreciation of the collective and its constant feedback.

Key Words

Heritage; Memory; Sustainability.

1 INTRODUÇÃO

A valorização dos recursos locais com a prioridade às ações locais produz diversos tipos de impactos do ponto de vista da sustentabilidade integral, isto é, da capacidade de manter o bom uso dos recursos humanos e materiais para a longevidade das atividades e o equilíbrio da sociedade, considerando, de forma indissociável, os aspectos sociais, ambientais e econômicos relacionados. Ao se conhecer o território se identificam suas necessidades e potencialidades para criação e manutenção de sua infraestrutura, para produção e para o consumo. Conhecer o local onde vivemos é de fundamental importância para que possamos reconhecer seu patrimônio material e imaterial local que, por sua vez, auxilia e enaltece a sustentabilidade, insumo primordial para a vida contemporânea.

O patrimônio material é relacionado a bens culturais arqueológicos, paisagísticos e etnográficos; históricos; das belas artes; e das artes aplicadas, podendo ser “imóveis como as cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; ou móveis, como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos.” Já os bens culturais de natureza imaterial “dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, políticas, musicais e lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas)” (IPHAN, 2023).

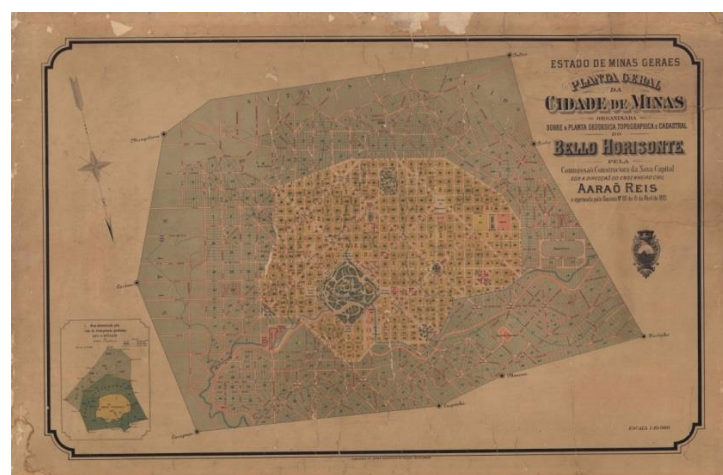
Assim, o primeiro passo necessário a qualquer intervenção é identificar os recursos e valores culturais locais, suas características geográficas, climáticas, históricas, políticas, sociais e econômicas. A prioridade deve ser que a produção seja feita pela comunidade local e para ela, uma vez que, de outra forma, produzindo em grandes volumes para atender outros territórios, serão gerados impactos indesejados como poluição com meios de transporte, emissões de efluentes e utilização desequilibrada de recursos. O conhecimento de questões não só explícitas quanto tácitas, que tangem aspectos culturais também é crucial para a eficiência e sucesso das iniciativas.

Neste trabalho trataremos, em particular, da região da Lagoinha em Belo Horizonte/ Minas Gerais, seus aspectos culturais imateriais e artísticos, exemplificando esta relação. A Lagoinha foi um dos primeiros bairros de origem operária, da época da construção da capital mineira. No entanto, chamamos hoje (e também aqui neste artigo) de Lagoinha uma região da cidade que abrange nove bairros: Lagoinha, Bonfim, Bom Jesus, Nova Esperança, Santo André, Pedreira Prado Lopes, São Cristóvão, Aparecida, Aparecida Sétima Seção e Ermelinda (Arreguy & Rajão, 2008/2008)

Belo Horizonte, a capital mineira planejada, nasce a partir da sobreposição de um arraial muito pequeno, um entreposto chamado de Arraial do Curral Del Rey (Figura 1). Sua população era diversa, mas com um número expressivo, de pretos e pardos, dentre seus moradores (Mara, 2018). Dessa população herdamos costumes, ritos e saberes como veremos a seguir.

Figura 1

Planta cadastral da Nova Capital



Nota: Arquivo Público Mineiro, 1895

Nessa proposição, trataremos as possibilidades de junção e partilha de conhecimento do patrimônio imaterial de uma região rica em tradições afrodiáspóricas, a importância da valorização de tais recursos para a sustentabilidade. Buscando em nosso passado familiar, comum, mesmo daqueles que não residam na região supracitada, encontramos algumas similaridades que nos unem através da palavra, do gesto, de hábitos, de um objeto de culto. Para além de tais formas de comunicação, é importante ressaltarmos como os afrodescendentes tratam a terra, a temporalidade dos alimentos, os processos, observando que fazemos parte da natureza e, portanto, devemos respeitá-la em consonância à nossas necessidades.

Na região da Lagoinha, em Belo Horizonte, notamos que uma parte expressiva de seus moradores herdou tais costumes e os praticam até hoje. Um exemplo que podemos mencionar são as pessoas que benzem. Através das folhas, de orações, da água e da fé, elas curam, aprendem e apreendem um pouco mais. O conhecimento de forma oral passado a essas pessoas não está em nenhum artigo científico, mas faz parte das comunidades tradicionais e é de suma importância para a preservação de costumes e saberes para a sociedade de maneira geral. É dessa forma que respeitamos o que nos precede, para deixarmos um legado aos que ainda virão. O afeto é a primazia do cuidado, da saúde, do ensino, da transmissão e compartilhamento do saber através de ações que bebam da fonte do cosmograma *Bakongo* (FU-KIAU & LUKONDO –WAMBA, 2017/2017), onde as crianças aprendem com os anciãos e levam para a vida ensinamentos caros para a sua acreditamos desenvolver sociedades mais justas que partilharão o bem-estar para todos.

A vida com propósito não se torna vazia; e não se busca no ter, a possibilidade de ser. O sociólogo Bauman, (2001), nos diz que vivemos em uma modernidade líquida, onde o sujeito passa a ser coadjuvante em sua própria vida; o ser, já não teria importância, mas, o ter, sim. Seríamos como *outdoors* ambulantes, carregando com orgulho as marcas que nos trariam pertencimento nossas farmácias seriam as lojas de departamento, ou seja, o consumo nos traria uma benéfica sensação de paz.

Com o avanço da tecnologia, o aumento da produção e o descarte exacerbado, a vida se torna esvaziada de sentido. O descarte desmedido gera lixo e ele não é ressignificado a contento. No entanto, objetos encontrados no descarte das cidades (garrafas de vidro, gavetas de móveis, sucata em geral, panelas, filtros de barro, para citar alguns) podem ser

uma importante fonte de renda para alguns, não só ajudando, como fazem os catadores, na tarefa de organizar e processar resíduos, mas por meio do uso de sua cultura e criatividade. De utilitários domésticos a adornos artísticos podemos criar inúmeras peças pela requalificação (*upcycling*) destes materiais. A sociedade ainda valoriza pouco tais iniciativas porque ainda é escasso o número daqueles capazes de reconhecer que os objetos requalificados trazem em si, a memória do objeto anterior, do seu uso primeiro.

A escola pode ser uma matriz geradora de incentivo a alunos do ensino de forma ampla, na identificação e capacitação de formas criativas e artísticas de se repensar o descarte. Tendo-os como multiplicadores, a comunidade seria então impactada com mentalidade, olhar e ferramentas criativas e alternativas do fazer arte. Criatividade, tinta e capital social são insumos potentes. Para tanto, precisamos de metodologia para embasar nossos trabalhos, de maneira mais coesa, com prismas a serem seguidos para alcançarmos a sustentabilidade contínua e ampla.

A metodologia do Design Sistêmico será utilizada como base dessa construção quando nos diz que a valorização dos recursos locais, com a identificação das características que permitem a identificação única de cada território, é um dos elementos para o alcance da sustentabilidade integral (BISTAGNINO, 2011; MENDONÇA R. M., 2017). Davidová (2020) e Mendonça (2014) afirmam que a associação de reflexões históricas sobre as características atuais, fomenta a conscientização de valores próprios, imprescindíveis para a autoestima, basilares para a prosperidade contínua.

Quando pensamos na cadeia produtiva e as etapas do processo de produção e uso chegando até o descarte do bem-produzido, encontramos os princípios do Design Sistêmico (BISTAGNINO, 2011), balizando a promoção e manutenção da arte sustentável dentro de cinco princípios:

- 1) Output/ input: O que é saída de um sistema (output) é entrada de outro sistema (input). Esse ciclo significa otimização de uso dos recursos, criando um fluxo contínuo de matéria e energia, tendendo ao “descarte zero”;
- 2) [Relacionamentos]: A valorização dos relacionamentos, internos e externos, que geram o sistema, é muito importante, uma vez que cada elemento não pode ser considerado isoladamente. Todos, pessoas e recursos materiais, contribuem para o sistema e são interdependentes;
- 3) [Agir localmente]: No contexto em que as operações acontecem, recursos (humanos e materiais) e a cultura locais são prioridade,

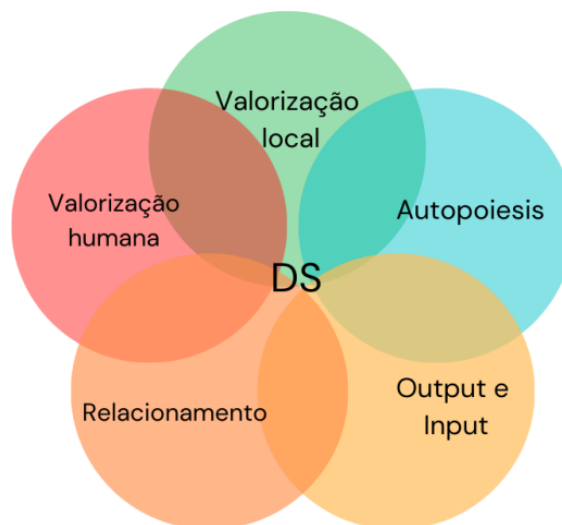
resolvendo questões locais e criando oportunidades. A globalização e monoculturas, em que produtos e atividades são desconectados do território, devem ser evitadas;

4) [Auto-geração]: As interrelações dos sistemas vivos e seu ambiente desencadeiam mudanças estruturais no sistema. Essas mudanças alteram as interrelações, que geram mudanças estruturais contínuas (*autopoiesis*). Coisas vivas se adaptam, aprendem e desenvolvem continuamente (CAPRA, 2008). É, então, um ciclo contínuo: coisas vivas mudam o sistema e são mudadas por ele; a evolução de um elemento do sistema provoca a evolução dos outros elementos;

5) [A vida no centro do projeto]: as pessoas [e a vida em geral] são uma prioridade. Isso significa dizer que, compreender o usuário e sua cultura precisa ser o ponto de partida da definição de atividades e produtos. O usuário não é considerado um alvo para ações do mercado, mas um membro ativo e consciente da sociedade, para quem se deve dar informação e escolha (MENDONÇA R. M., 2017).

Figura 2

Os princípios do Design Sistêmico (DS).



Nota: Elaborado pelo próprio autor, baseado em (BISTAGNINO, 2011).

Utilizamos assim, o Design Sistêmico (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**) como um dos fios condutores que podem ligar a arte, o território, a valorização do patrimônio imaterial (memória) e a sustentabilidade.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho se baseia na pesquisa bibliográfica em geral, sobre patrimônio, território (seus recursos e sua história) e sustentabilidade. Ele utiliza também aspectos de pesquisa antropológica/ etnografia, lidando com elementos qualitativos relacionados à criação e transmissão de significados sobre comportamentos e tradições, pela análise dos hábitos e práticas ao longo do tempo, por meio da vivência com comunidade da região da Lagoinha em Belo Horizonte, Minas Gerais. Essa vivência foi fundamentada por pesquisas histórico-arquivísticas e direcionada pela metodologia do Design Sistêmico, especialmente em relação à identificação de atores, recursos e análise de fluxos e desdobramentos para identificar, entender, elucidar e valorizar o patrimônio imaterial local como meio para direcionamento para a sustentabilidade.

3. AGUÇANDO O OLHAR CRÍTICO

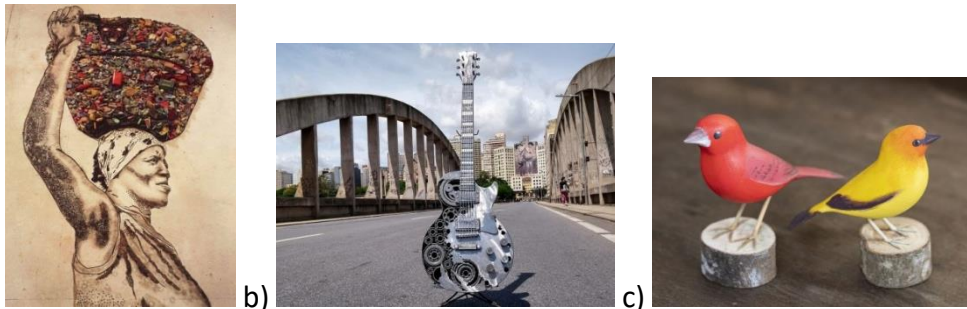
O local de origem é a nossa fonte primária para desenvolvermos um olhar crítico de como os objetos podem nos afetar de maneira positiva ou negativa. Sua beleza, utilidade, memória ou esvaziamento de qualidades pode sim ter um fator histórico implícito. É nesse momento que se faz importante conhecer nossas origens, para identificarmos o que é patrimônio imaterial, material e alinharmos o pertencimento ancestral.

A Lagoinha, como uma importante e profícua região de Belo Horizonte, é berço de artistas e de conteúdo artístico significativo onde, por isso, podemos identificar formas culturais e sustentáveis de arte. Para isso é preciso ter um olhar alinhado aos valores do nosso tempo, que reconhecem as qualidades e a importância da arte dos povos de outros continentes (e não apenas o Europeu, com seus cânones clássicos) como o africano, por exemplo, vislumbrando como atributos positivos o selvagem, folclórico, infantil (*naif*), ancestral, étnico, atribuindo a eles beleza e riqueza de sentidos.

É nesse aspecto que a decolonialidade do olhar pode nos auxiliar a vislumbrar a arte em locais e materiais alternativos. Alguns artistas de renome como Vik Muniz, Rodrigo Gallo e seu Toninho Passarinho, que utilizam resíduos como materiais e temas locais para as suas obras, nos mostram ser possível tal proposta (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**). A criatividade, o recorte étnico e geográfico, traz relevância cultural para as suas obras de arte e objetos criados para diversos usos.

Figura 3

a) Vik Muniz: “The Bearer Irma” – uma das suas obras, feitas de rejeitos, que retratam e problematizam a relação dos catadores de material do Jardim Gramacho (Duque de Caxias, RJ) e compuseram o filme “Lixo Extraordinário”; b) Rodrigo Gallo: Guitarra de sucata em Belo Horizonte – a partir de peças de motocicletas sem utilidade para as oficinas que as descartam, suas obras são carregadas de memória; c) Seu Antônio Passarinho: “Pássaros de madeira” – suas obras nascem a partir de toquinhos de madeira encontrados na natureza que, coletados, se transformam em espécimes coloridos.



Nota: a) Vik Muniz, 2017; b) Rodrigo Gallo, 2019; c) REDE ARTISOL, 1998.

Os cinco princípios do Design Sistêmico não caminham em separado (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**); sua fusão e complemento podem ser implementadas em diversas áreas. Quando contemplamos saberes, costumes e ritos de um grupo social e sua relação com a identidade cultural de um território, a identificação de características, qualidades e o reconhecimento de seu valor incentivam as atividades de um grupo que, por sua vez, compõe um território e confere a ele atributos para a qualidade de vida, em uma retroalimentação constante. Quando temos o afeto como premissa para todas as relações de convívio humano, promovemos a **autopoiesis**, enaltecendo o coletivo. A **autopoiesis**, ou autogeração, em que “o próprio sistema gera o sistema” pode ser entendida no sentido de retroalimentação. Ainda envolve o poder do exemplo positivo, onde a evolução de um grupo estimula o desenvolvimento de outros; onde as lições aprendidas são utilizadas para se fazer melhor em outras oportunidades semelhantes. Podemos associar aqui às relações intergeracionais, onde uma geração aprende com a outra, todas abertas a trocas, se apoiando e desenvolvendo juntas. Essa questão do legado geracional remete ao patrimônio, não só material quanto imaterial. E ainda, **autopoiesis** pode também ser interpretada como autonomia e independência que permitem que uma atividade seja desenvolvida sem ameaça à sua manutenção.

Ao pensarmos tais princípios de forma prática, entendemos a lógica da produção, o consumo e possibilidade de inserção de tais insumos na produção artística e valorização do

patrimônio material e imaterial. Quando algo é produzido e seu descarte incorreto é evitado, criamos um sistema que pensa a cadeia produtiva de maneira global, o que se produz e seus destinos possíveis, praticando o princípio do **output/input**. A partir desse conceito podemos fortalecer os **relacionamentos** e pensar propostas que afetem o coletivo positivamente, gerando renda, aumentando a autoestima e o fortalecimento da matrigestão, uma rede de apoio importante para a manutenção do legado ancestral. As pessoas são a peça-chave, devem estar no centro de qualquer projeto, pois através da troca de saberes, modos de ser e fazer, uma rede protetora é ativada e ampliada. Para além do ser humano, relações com outros seres vivos são fortalecidas e a cadeia produtiva se torna mais respeitosa, **valorizando a vida** e fomentando o bem viver de forma inclusiva. A arte é elemento estratégico nesse contexto, uma vez que ela fixa a cultura de um povo. Frentes que ampliam a vida útil dos materiais, utilizando-os como base para criações artísticas são importantes para a conscientização da sociedade tanto do ponto de vista dos recursos utilizados para a produção da obra quanto da mensagem ali contida, que pode estar relacionada, por exemplo, à **valorização do território**. Esta, por sua vez, se constitui em oportunidades de trabalho, com a consciência do próprio valor, constituindo-se em valor agregado nesta cadeia produtiva.

4. O LEGADO DA LAGOINHA

Ao citarmos a Lagoinha e seus atributos importantes para a manutenção do patrimônio material e imaterial, se faz necessário o conhecimento de ações que aguçam e proporcionam o conhecimento do público. Em algumas dessas ações, passeios culturais são realizados pela ótica do morador, que detém com propriedade, informações relevantes para a descoberta de um dos locais importantes para a cidade desde sempre. Lugar inquieto, desde a fundação da Cidade de Minas (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**), teve sua decadência declarada com a construção do complexo viário que dividiu a região expondo mazelas já conhecidas dos moradores locais ao público geral, como o tráfico de drogas, trazendo à luz a alcunha de “Cracolândia de Belo Horizonte”. Os problemas sociais muito graves não abalam a região que luta e se mantém firme ainda que tenha percalços. Importante salientarmos que a região é potente fonte de saberes através dos terreiros de candomblé, do samba como o Bloco Leão da Lagoinha (mais antigo da cidade), bem como a cena boêmia desde então. É essa consciência e o conhecimento do valor do território, com

seus recursos e cultura peculiares, que são a energia autopoietica para a resiliência da região, que insiste em buscar a qualidade de vida de seus moradores. Estas são peças fundamentais no que tange a recuperação e melhoria da região, que sofreu descaracterização aguda em prol da implementação do complexo viário para melhor fluidez do trânsito, interligando a região da Pampulha ao Centro da capital. É através de suas falas, lutas, reivindicações que será possível atingir o bem-estar amplo e condições de bem viver naquele local de cultura pujantes, artistas desconhecidos e costumes carregados de história.

Alguns marcos temporais podem nos ajudar a reconhecer a importância da região. Lançado pela empresa Nadir Figueiredo em 1947, o copo americano era comercializado em um local específico, a Mercearia do Seu Quim, localizada na Praça Vaz de Melo centro nervoso da boemia local. Segundo os frequentadores dos bares da Lagoinha o recipiente mantém a cerveja gelada e também é mais resistente a quedas, tornando-o o ícone que é hoje. O copo foi consagrado com o nome de “Copo Lagoinha” e reconhecido pela empresa responsável por sua fabricação em 2019, após petição popular do movimento “Viva Lagoinha” (MG, 2022).

Projetos culturais trazem artistas locais à cena como o festival CURA (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**) na edição de 2019, enaltecendo a região transformando-a em uma explosão de cores através do grafite (CURA, 2019). O projeto Lagoinha Educadora se uniu a este projeto proporcionando a participação de estudantes do 1º ano do ensino médio da escola do bairro, a Escola Estadual Silviano Brandão (PICO, 2019).

Figura 4

CURA Lagoinha – Brinde a Lagoinha



Nota: Circuito Urbano de Arte, 2019

Outras propostas acontecem na região. Em 2021 a ação conjunta com a Fundação Municipal da Cultura (FMC), o Centro Integrado da Mulher (CIAM) e a população local, ações inclusivas como “Elas cultivam a Lagoinha”, tem como objetivo resgatar a autoestima de mulheres da região em situação de vulnerabilidade social. As beneficiadas geram produtos naturais a partir do que plantam e colhem como paçoca, sucos e refrigerantes naturais que ainda não são comercializados, mas promovem a inclusão, ressocialização e ajuda mútua a todas as envolvidas. As mulheres fortalecem os laços e tornam-se mais unidas, princípio fundamental da matrigestão.

O cuidado do outro se estende como uma rede protetora (PBH, 2021) Ainda na região, projetos fomentados por coletivos agroecológicos urbanos e de fomento cultural como o “Hortelões da Lagoinha”, priorizam desde 2017 a manutenção, o cuidado da vegetação com a participação da população local. O objetivo é transformar vazios urbanos em quintais comunitários como o “Quintal do Sô Antônio” localizado na Lagoinha. Com essa ação, locais abandonados são revitalizados, produzem alimentos saudáveis, reverberam o cuidado com o outro e aguçam a conexão com a ancestralidade e a natureza (MENEZES, 2019). Assim, a Lagoinha é rica de tradições e saberes ancestrais, incluindo também o uso das ervas nos ritos religiosos, no conhecimento de suas propriedades medicinais, no seu valor para a alimentação. O respeito, o reconhecimento e manutenção das memórias como patrimônio imaterial e seus desdobramentos na sociedade são os motores de sua sustentabilidade.

A escola tem papel fundamental para despertar a criatividade enaltecendo inúmeras referências ancestrais, com mensagens implícitas como a do ideograma *Adinkra*, *Sankofa*, que de maneira simplificada nos diz que “Tudo que é meu volto para buscar” (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**). O *Sankofa* pode ser o elo necessário para unir as escolas e as comunidades de forma plural. O ideograma pode ser visto em diversos bairros de Belo Horizonte, bem como de outras capitais e países acendendo o sol do outro (Fu - Kiau & Lukondo -Wamba, 2017/2017). Dessa forma, o indivíduo se torna parte da cena e desenvolve o orgulho de sua ancestralidade. É primordial que tenhamos orgulho de nossas raízes, culturas, costumes, que as conheçamos a fundo para nos tornarmos mais potentes.

Ao aguçar no estudante a importância de signos comuns em suas casas, bairros e na própria escola, desconhecidos até então, semeia-se o conhecimento e os conecta à ancestralidade se tornando parte importante do processo. Oral ou materialmente, o contato com a arte, com as cores, com os pontos coloridos das festas, com as histórias contadas, nos leva a reconhecer e produzir a cultura do local onde vivemos.

Essa cultura ainda não está presente em galerias de arte e museus renomados, mas existe e é expressiva. O suporte artístico pode ser diverso, mas o importante é que ele traduza o cotidiano, o local, as pessoas que habitam aquele espaço e como o utilizam para além de adornar os espaços. Sendo preenchidos com significado ao serem trabalhados com capricho e transformados em objetos de expressão e comunicação de um indivíduo e sua cultura, tais recursos se expandem com valor agregado, inclusive do ponto de vista econômico. Além disso, se convertem também em elementos de transformação social e ambiental.

Vimos que, com insumos de descarte é possível fazer arte. Podemos desdobrar o sentido do material lixo, sua criação, a lógica no capital de consumo, seu descarte consciente, bem como sua sobrevivência, transformando-o em objeto artístico ou de uso doméstico carregado de afeto, memória e significado. E isso pode e deve ser praticado também nas escolas, desde os anos iniciais, em diversas oportunidades e, em especial, nas aulas de arte.

Não existe “fora”; estamos todos em um mesmo contexto, interligados por fios invisíveis e muito sensíveis. Toda a ação humana reflete na natureza de maneira global; daí é imprescindível ensinar a entender o material de descarte para além de algo que não é mais útil, mas sim uma alternativa para a arte, a sustentabilidade e a manutenção da memória. Ao trabalhar algo que está esvaziado de sentido, a importância implícita das mãos e criatividade daqueles que desenvolveram tais habilidades, o carregam de valor.

Mãos e mentes conscientes da sua importância e que são o resultado da sua interação com seu contexto, com seu meio ambiente, têm esse potencial de transformação que cresce a cada interação. Isso demonstra a importância de cada indivíduo e de sua ação como agente consciente para a construção de territórios sustentáveis.

Figura 5

O *Sankofa* e sua aplicação no território da Lagoinha – Cemitério do Bonfim.



Nota: Próprio Autor, 2023

5. APLICAÇÕES E /OU RESULTADOS

Utilizar a metodologia do Design Sistêmico como uma mentalidade, que permeia as nossas escolhas e decisões é um recurso potente para encaminhamentos para alcançarmos a sustentabilidade. Neste artigo, demonstramos, com o exemplo da Lagoinha, as relações construídas entre arte, patrimônio, território e sustentabilidade.

6. ANÁLISES DOS RESULTADOS OU DISCUSSÕES

Em todas as atividades humanas é possível (e desejável) aplicar os princípios do Design Sistêmico, pois elas ajudam a estruturar características para a sustentabilidade integral. Aqui, partimos da valorização do território e mostramos, enfatizando o patrimônio imaterial, que pensar na aplicação dos princípios permite a criação de iniciativas robustas e potentes em transformação das quais todos somos responsáveis.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se com este trabalho contribuir para a mudança de paradigmas e desenvolvimento do pensamento crítico e estímulo às ações acerca de temas como consumo, produção, descarte, patrimônio, relacionamentos, inclusão. A conscientização

começa nas relações domésticas, na observação aos costumes dos mais velhos, nossas bibliotecas ancestrais (ditado comum em África). Com os anciãos, aprendemos através do afeto, ele é premissa para o aprendizado. Nas escolas, em todos os níveis, temos a oportunidade do reforço e ampliação desses valores. De forma global estamos conectados à natureza, uns aos outros e, portanto, o que fazemos afeta a todos e nos afeta. O fazer artístico, praticando os princípios do Design Sistêmico, pode nos guiar para novas possibilidades de trabalho e manutenção de memória. Movimentos individuais, e nossas ações conscientes para o desenvolvimento de um melhor contexto de vida para nós mesmos e toda vida que nos cerca, humana ou não, é tão importante quanto os movimentos coletivos.

Existem transformações necessárias para a sustentação e melhoria da qualidade de vida em geral que são complexas e, portanto, precisam de abordagens de longo prazo. Existem outras que são mais simples e podem ser implementadas em curto ou médio prazo. Mas reconhecer, manter e divulgar o patrimônio cultural de um povo, não só o material, mas especialmente o imaterial, é um recurso transformador.

Todas as atuações profissionais são importantes nesse sentido. Aqueles que criam, como arquitetos, designers e artistas com todas as suas formas de arte, têm papel importante na medida em que suas criações poderão ser recursos de construção de um contexto de vida para as mudanças econômicas, sociais e ambientais que precisam ser implementadas para a nossa sustentabilidade.

Contribuições dos autores

HHRV: Primeira Redação; RMLOM e HHRV: Conceituação, Curadoria de Dados, Investigação, visualização; RMLOM: Análise Formal, Metodologia, Administração do Projeto, Supervisão, Validação, Revisão e Edição.

Declaração de conflito de interesses

Os autores declaram que não têm interesses financeiros concorrentes ou relações pessoais que possam ter influenciado o trabalho relatado neste artigo. Nada a declarar.

REFERÊNCIAS

- ALTEROSA, Jornal da. Educação, dedicação e solda: uma mistura que vira arte nas mãos de Rodrigo Gallo. 2019. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=UISwIWQvG9g>. Acesso em: 24 jun. 2023.
- MINEIRO, Arquivo Público. Planta Cadastral da Cidade de Minas. Imagens Documentos Cartográficos. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/grandes_formatos_docs/photo.php?lid=92. Acesso em: 24 jun. 2023.
- Arreguy, C. A. C., & Rajão, R. (2008). Histórias de bairros de Belo Horizonte: Regional Noroeste (2a ed.). APCBH/ACAP - BH. http://www.pbh.gov.br/historia_bairros/NoroesteCompleto.pdf (Obra original publicada em 2008)
- Bauman, Z. (2001). Modernidade Líquida. Zahar.
- Bistagnino, L. (2011). Systemic Design (2a ed.). Slow food Editore srl.
- CARVALHO, J.; LIMA, M. 'Década jogada no lixo': dez anos após aterro fechar, ex-catadores de Jardim Gramacho vivem na miséria e em condições insalubres. g1, 30 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/05/30/decada-jogada-no-lixo-dez-anos-apos-aterro-fechar-ex-catadores-de-jardim-gramacho-vivem-na-miseria-e-em-condicoes-insalubres.ghtml>.
- CURA, Cura. Cura Lagoinha: 05 a 15 de setembro de 2019. 2019. Disponível em: <https://cura.art/index.php/cura-lagoinha/>.
- DADIDOVÁ, M. Cocreative roles, agencies and relations in post-anthropocene: Thereal life gigamaps and full-scale prototypes of SAAP. Strategic Design Research Journal., n. 2, 2020.
- FUKS, R. As 10 criações mais impressionantes de Vik Muniz. 2017. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/vik-muniz-obras/>. Acesso em: 24 jun. 2023.
- GRAFITTI. Inspire-se no trabalho de Vik Muniz. Grafitti. 4 set. 2019. Disponível em: <https://blog.grafittiartes.com.br/inspire-se-no-trabalho-de-vik-muniz/>. Acesso em: 24 jun. 2023.
- IPHAN. Patrimônio Imaterial. 14 maio 2023. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em: 24 jun. 2023.
- Fu - Kiau, B., & Lukondo -Wamba, A. M. (2017). KINDEZI: A Arte Kongo de Cuidar de Crianças (M. Maiê, Trad.). Brasil: Rede Africanidades. <https://terreirodegrios.wordpress.com/2019/04/14/kindezi-a-arte-do-cuidado-da-crianca-e-do-corpo-social/> (Obra original publicada em 2017)
- MENDONÇA, R. M. L.D.O.(2017). Transformando Ideias em Recursos de Desenvolvimento. Belo Horizonte: Editora UEMG, 2017. E-book. Disponível em: https://editora.uemg.br/images/livros-pdf/catalogo-2017/2017_ECONOMIA_CRIATIVA.pdf. Acesso em: 24 jun. 2023.
- MENDONÇA, R.M.L.D. Systemic Network Innovation and Its Application in the Brazilian Context of the "Estrada Real". 2014. Dissertação de mestrado — Politecnico di Torino, Torino, Itália, 2014. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/306105392_Systemic_Network_Innovation_and_Its_Application_in_the_Brazilian_Context_of_the_Estrada_Real. Acesso em: 24 jun. 2023.

MENEZES, Bruno. Horta comunitária: lote abandonado vira ‘Quintal do Sô Antônio’ em BH. O Tempo, 19 out. 2019. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/horta-comunitaria-lote-abandonado-vira-quintal-do-so-antonio-em-bh-1.2251037>. Acesso em: 24 jun. 2023.

PBH lança “Elas Cultivam a Lagoinha” para mulheres em vulnerabilidade social. 4 nov. 2021. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/pbh-lanca-elas-cultivam-lagoinha-para-mulheres-em-vulnerabilidade-social>. Acesso em: 24 jun. 2023.

PICO, Saulo. Um brinde a Lagoinha. 14 maio 2023. Disponível em: <https://www.saulopico.com/brinde-a-lagoinha>. Acesso em: 24 jun. 2023.

ARTESOL, Rede. Toninho Passarinhos, Antônio Sebastião dos Santos. 1998. Disponível em: https://www.artesol.org.br/toninho_passarinhos. Acesso em: 24 jun. 2023.

Mara, L. (2018). Propriedades, negritude e moradia na produção da segregação racial da cidade: cenário Belo Horizonte (Publicação n.º CDD 307.76) [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)]. <http://hdl.handle.net/1843/MMMD-B7CGVF>. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MMMD-B7CGVF>